

# OPINIÕES FORTES, SERES EM SOLIDÃO E FICÇÕES EM DESASSOSSEGO

Lucia Helena (UFF, UFRJ, CNPq)

Artigo recebido em: 11/11/2009  
Aceito para publicação: 21/12/2009

## RESUMO

O artigo tem por objetivo comparar três narrativas que se aproximam do tema da violência exercida pelo Estado em situações de crise social. São elas: **Vida e época de Michael K.**, de J. M. Coetzee, **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, **A hora da estrela**, de Clarice Lispector.

**Palavras-chave:** Narrativa literária. J. M. Coetzee. Graciliano Ramos. Clarice Lispector. Ficção.

## ABSTRACT

This essay aims at comparing three narratives that approach the theme of violence led by the State in situations of social crisis. They are **Life and times of Michael K.** by J. M. Coetzee, **Barren lives** by Graciliano Ramos, **The hour of the star** by Clarice Lispector.

**Keywords:** Literary narrative. J. M. Coetzee. Graciliano Ramos. Clarice Lispector. Fiction.

Tenho por objetivo nesta apresentação comparar três narrativas que se aproximam do tema da violência exercida pelo Estado em situações de crise social. Refiro-me às obras **Vida e época de Michael K** (1983), de J. M. Coetzee, **Vidas secas** (1938), de Graciliano Ramos e **A hora da estrela** (1977), de Clarice Lispector, textos nos quais a centelha do talento de seus autores faz com que o leitor possa apreender a luz mortífera da condição humana levada aos escombros de si mesma pela exclusão e refletir sobre seus efeitos. Sem tribunal visível, mas em uma sociedade militarizada e burocratizada, Fabiano, Macabéa e Michael K engrossam a fileira dos seres sem defesa nem escapatória, condenados à precariedade e à morte por instâncias invisíveis de uma burocracia de Estado cruel que revela sua eficiência na capacidade de segregação, mas se demonstra bastante ineficiente, por outro lado, para proteger e valorizar a cidadania.

Em **Vida e época de Michael K**, o protagonista traz à baila uma situação-limite extremamente contemporânea – o fato de ser uma vida desperdiçada, fenômeno que também atinge as personagens principais dos três romances mencionados. Como o Fabiano de **Vidas secas**, Michael K encontra-se subordinado a um lesivo aparato socioeconômico que lhe escapa à compreensão. Há, a uni-los, um infinito e forçado deslocamento dos personagens em direção ao concretamente inapelável. E isso também remete à figuração de Macabéa, a nordestina “de maus antecedentes”, que Clarice Lispector tomou emprestada da poesia cabralina sobre os cães sem pluma do Capibaribe, articulando-a aos seres do nordeste desertificado de Graciliano Ramos.

A trajetória sem escape de Michael K conduz o leitor a Macabéa e a Fabiano e sua família – pois todos eles encontram-se instados a um processo de êxodo e migração sempre inglório. Vidas sem direito a pouso nem repouso, essas três narrativas apresentam uma escrita renovadora que torna difícil classificar os textos como romances, e que lança ao leitor uma nova pergunta: – Com que linguagem narrar aquelas vidas? Ao mesmo tempo em que renovam a linguagem, tais obras observam e avaliam uma crise social e o resíduo de perdas da difícil jornada pela aventura da modernidade, respectivamente nas fases do modernismo (**Vidas secas**) e da modernidade tardia (**A hora da estrela** e **Vida e época de Michael K**).

Graciliano Ramos reflete sobre a desilusão do progresso levado ao

Nordeste a toque de caixa. Recusando a utopia da modernização a ser conseguida pela implantação da técnica a qualquer custo, seu sentido de utopia em muito difere do que tinha sido usado em nossa ficção até aquele momento. Qual será, então, a caracterização da centelha utópica em **Vidas secas**? Ela se origina da concepção da utopia como o princípio esperança que, ao contrário de ser ufanista, mescla-se ao ceticismo e à tragédia a que estão condenados os seres que, manipulados pelo poder discricionário, são roubados de um sentido mais pleno de existência. Graciliano Ramos lida, portanto, com uma utopia do precário, distinta daquela que é utilizada, por exemplo, nos Manifestos da vanguarda paulista, a exemplo do *Pau-Brasil* oswaldiano, que fez da alegria a prova dos nove. Ao contrário de Oswald, Graciliano registra, em tom menor e seco, sem figuração “alegre”, os problemas brasileiros do agreste.

Esse novo sentido de utopia trabalhado por Ramos – a consciência da finitude e precariedade dos projetos humanos e, ao mesmo tempo, de que sem eles, mesmo precários, a vida perde sua legitimidade e viabilidade - é o que percorre também **A hora da estrela** e **Vida e época de Michael K**, nos quais um mundo de vida frágil é reservado como única possibilidade para dois personagens – Macabéa e Michael K - cujo estar no mundo não consegue ser tocado pela redenção nem logra atingi-la.

Macabéa participa da estirpe dos Fabianos, dos Michael K, que não dispõem do mínimo que os habilite à decifração dos códigos e discursos disponibilizados pelas estruturas de um poder estatal pelo qual não estão abrigados nem protegidos, mas que os obriga a respeitar, atender e manter uma burocracia que se volta contra eles.

Michael K, ao contrário de Fabiano e de Macabéa, no entanto, convive com o ceticismo finissecular da passagem do século XX ao XXI. Mas tem em comum com os outros personagens de que o aproximamos uma acentuada operação com as ruínas do pensamento, defrontando-se com a doída escavação do mundo que a narrativa observa. Tão pungente, no pauperismo, quanto Macabéa, a consciência de Michael também não é culta e ele parece a princípio não ter noção do que o cerca.

Frutos da imaginação e da circunstância sul-africana e europeia e também brasileira e sul-americana, uma marca potente reúne esses três textos. Que marca é essa a assinalar, na intimidade, uma diferença que,

paradoxalmente, não os afasta? O que liga esses personagens de extração tão distante, no tempo e no espaço? O que faz com que se conectem essas ficções, que apresentam uma temporalidade complexa, com episódios e eras descontínuos uns dos outros e heterogêneos entre si?

Em primeiro lugar, os três desenvolvem algo próximo de uma parábola social, apresentando uma forma alternativa de compreender as origens e as aventuras do modernismo e da modernidade tardia, revelando com riqueza a temporalidade histórica diferenciada na qual se inscrevem. Em segundo lugar, partem de uma base em que o registro naturalista dos fenômenos de uma burguesia em decadência ideológica é substituído com vantagem pela releitura crítica do mesmo “naturalismo” e da situação dos “excluídos”, escrita em linguagem insurgente, que apresenta nova gama de práticas estéticas em tensão com os cânones estabelecidos e consagrados tanto pela dicção vanguardista quanto pela tradição realista e naturalista do século XIX.

Todos eles abandonam o relato orgânico, criando personagens marcadas pela incerteza e pelo precário – um herói problemático, no dizer de Lukács. Essas obras recuperam a estratégica construção de uma personagem frágil que é “forte”, alguém que roça o sublime, por seu contrário e que é focalizado na ótica da perda, da lacuna, do resíduo, da ruína, seres que falam no intervalo do silêncio regado de aridez.

Sua matriz remonta a Dostoiévski (a quem Coetzee homenageia em um de seus livros intitulado **O mestre de Petersburgo**) e é retrabalhada inicialmente por Kafka, ao examinar a questão da culpa numa circunstância em que o social e o individual estão extremamente imbricados. Os núcleos que emergem dessa fonte são: a personagem torturada, a escrita em fragmentos e a repetição, até à náusea de uma situação estressante. Tudo isso traz à tona a presença de uma tensão permanente entre o bem e o mal, um desajuste na linguagem, à procura da palavra enxuta e da imagem sem colorido excessivo, daí resultando o texto magnífico e em tom menor de uma escrita minimalista.

Filho primeiro desse filão, Fabiano é, pois, uma forma narrativa mais “antiga” do que Macabéa e Michael K, embora o último, até mesmo no nome, não esconda a ascendência em Kafka. Trata-se, como se pode perceber, da *migração das idéias*. No cenário e no imaginário dessas ficções, duas das principais vertentes da modernidade e do moderno estão embutidas

e discutidas. Quais são elas? De forma sintética, o desdobramento de uma solidão singular, que dá nascimento ao moderno e à sua mitologia.

Na migração e interconexão constantes entre observar, andar e viajar vale lembrarmos que tanto em **O processo**, **Vidas secas**, **A hora da estrela**, quanto em **Vida e época de Michael K** as imagens são onipresentes.

Em Kafka, uma imagem contundente fecha o romance - a da faca profundamente cravada no coração de Josef K, como um cão - e dá contas da violência de todo o texto e da inserção do personagem no aparato que o lesa e consome. Em **Vidas secas**, abre o texto uma aparição do sol crestando tudo, o vermelho manchando a visão e toldando o exame, a cegueira árida provocada por tanta luz que resseca e expõe a olho nu a aridez do deserto, revelando a falta de mediação e de cidadania, na passagem do campo para a cidade (que os primeiros modernistas e a vanguarda haviam tomado como a musa iluminada dos novos tempos). Em *Lispector*, a estrela brilhante e muda junta o sonho e o esfacelamento, pela morte, das esperanças de Macabéa de ser capaz de reunir o moderno de que participa - o Rio de Janeiro, o sul maravilha - aos maus antecedentes do nordeste agrário e subnutrido de que provém. A "hora da estrela" da personagem, que sonhava com as musas do cinema, é vivida na agonia da morte no meio fio, ao ser atropelada pela máquina possante do automóvel da marca Mercedes Benz. Isto vem contracenar com a esperança pífia vendida por pouco dinheiro pela cartomante velhaca. Macabéa, em busca da sorte, encontra a morte na calçada de um subúrbio carioca. Em *Michael K*, a imagem concentradora é a do buraco. Nele mal cabe um homem. Mas é nele que Michael se protege quando o mundo se fecha. Paradoxalmente, no buraco também se dá o tempo das sementes, a outra imagem forte do romance, juntamente com o lábio leporino do personagem, que indica o seu "estar no lado torto" da existência, fora do bafejo das forças benfazejas.

Michael K detecta nas sementes de abóbora a imagem de um fio de esperança em que deposita o seu estar no mundo, no final de sua trajetória. Sem indiferença ao mundo e sem imaginar que ele seja, como alguns hoje apregoam, fruto do discurso, **Vida e época de Michael K** sublinha a exaustão do mero elogio da diferença. Processa, antes, uma construção em abismo: a reminiscência do desejo da viagem da mãe dentro da viagem do filho - viagem em cujo leito todas as outras imagens se imiscuem. É na química

desses personagens captados em sua errância que emerge a semente da esperança de que ainda se possa vir a fundar (ou não) um novo horizonte em que o sujeito e a subjetividade revelam-se possibilidades de sentido. E de uma utopia do precário, é verdade, realmente humana.

**Vidas secas, A hora da estrela e Vida e época de Michael K.** configuram um tipo de imaginação histórica que discute e reformula, de modo específico em cada um dos romances, o projeto de razão em marcha no contexto ocidental desde o Iluminismo até os tempos atuais. Essa imaginação ficcional – a que estou chamando de *ficções do desassossego*, meditam e levam seu leitor a meditar também sobre a diferença entre o que foi prometido pela modernidade e o que de fato aconteceu, na reflexão magistral de uma literatura que

[...] trabalha no campo minado da fronteira – impossível de ser traçada! - entre a referência e a auto-referência Como a ironia, ela também pode ser vista como um espaço de auto-reflexão da linguagem, como um médium do trabalho de Penélope de costura e descostura da nossa subjetividade com o mundo, ou, ainda, como uma oficina de aprimoramento da linguagem enquanto uma máquina não tanto de “representar” o “real”, mas sim de dar uma forma a ele. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 376)

Sem que produzam uma obra engajada no sentido da teoria do reflexo, nem aliada do panfleto, os romancistas aqui abordados conseguem percorrer o difícil equilíbrio (sempre tenso) entre a representação e o irrepresentável, o que de certo implica a responsabilidade do escritor diante de seu texto e de seus leitores. Tais obras, como propõe Seligmann-Silva, atestam que

[...] esse ‘real’ não deve ser confundido com a ‘realidade’ tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o ‘real’ que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA 2003, p. 377).

Os choques da vivência moderna, afirmou Benjamin em seu estudo sobre alguns temas em Baudelaire (1936), modificaram o nosso modo de ver e de representar o mundo. Se, como propôs Adorno, “escrever poesia após Auschwitz é um ato de barbárie” (FRANCO, 2003, p. 355), que

dizer, então, da experiência de vida hoje em dia, quando uma violência vertiginosa se imprime sobre os habitantes do globo, acionando o terrorismo, o fundamentalismo e a indiferença pelo que é ético ou antiético, na vida, nas artes?

No caso de Michael K, pela circunstância da tardia ação de descolonização a que remonta o texto, descortina-se uma identidade mutante, para Michael e para a África que ele representa, uma formação identitária complexamente apreendida, que sugere e estimula a pergunta: - Quem é você, Michael, esse outro inapreensível, para o qual a sociedade africana não tem lugar, apesar de você estar por toda parte da África e em tantos outros lugares, não só desse continente?

No espaço aberto por essas dolorosas questões que, de resto, permanecem sempre, por imperativas, em questão e não admitem resposta única, o texto parece refluir, por dimensão alegórica, a uma zona nublada de mitologia, construindo para o personagem a sugestão de uma identidade porosa e rarefeita, na qual tempos e espaços incongruentes se amalgamam de forma inusitada:

Você é precioso, Michaels, do seu jeito; é o último da sua classe, uma criatura que sobrou de uma era anterior, como o celacanto, ou o último homem que falava a língua Yaqui. Nós todos tropeçamos e caímos dentro do caldeirão da história: só você, ao seguir sua luz idiota [...], ao escapar da paz e da guerra, ao se esconder no aberto onde ninguém sonharia olhar, conseguiu sobreviver do jeito antigo, flutuando pelo tempo [...]. (COETZEE, 2003, p. 176).

Em prosa límpida, em que nada se desperdiça, enxuta à maneira de um Graciliano Ramos, as narrativas de Coetzee mergulham no debate acerca da disputa pela terra, numa sociedade dilacerada pela crise, pela pobreza, pela criminalidade. E na qual se dá o embate para um ajuste de contas entre o passado colonial e o presente estilhaçado de uma África que não é mais o que foi, mas que também ainda não dispõe da linguagem que a constitua livre. Dentre as obras por ele publicadas até o momento, **Desonra** é o texto fundamental no que tange à discussão da vivência pós-colonial na África do Sul contemporânea. A narrativa, sutilmente, investiga os graus de uma ética possível, na tortuosidade de uma conjuntura em que as fronteiras do direito e do estado de direito, do nacional, do indivíduo, da cidadania e da barbárie

são confluentes, todo o tempo. E de novo vem à baila uma pergunta que continua ecoando: - Com que linguagem narrar as formas de uma reinvenção coletiva?

## REFERÊNCIAS

COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Elizabeth Costello**: oito palestras. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida e época de Michael K**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Desonra**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **O mestre de Petersburgo**. Trad. Luiz Roberto Mendes Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) **História, memória, literatura**. O testemunho na era das catástrofes. Campinas, S.P.: UNICAMP, [200-].. p. 355-374.

HELENA, Lucia. Tempos de sombra: o nacional e o refugio da globalização. **Advir**. - Revista da Associação de Docentes da UERJ, Rio de Janeiro, v. 20, p. 40-47, 2006.

\_\_\_\_\_. O drama ilimitado e autodefinidor da ficção. **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v.12. n. 17, p. 89-108, 2005.

\_\_\_\_\_. **O coração grosso**: migração das almas e dos sentidos. **Alceu** - Revista de Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 63-76, 2001.

KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho entre a ficção e o real. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, S.P.: UNICAMP, 2003.

